



Artigo

Leonardo Tonelli

Recebido: 29 Abr 2025

Revisado: 25 Jul 2025

Aceito: 14 Ago 2025

Publicado: 15 Dez 2025

Entre o jogo e a sua narração: uma reflexão sobre o rugby e os seus valores no panorama italiano

Resumo

O rugby, tradicionalmente associado a um imaginário de valores que enaltece suas qualidades éticas e educativas, é frequentemente representado como emblema de um esporte inclusivo, leal e comunitário. Este contributo propõe-se a interrogar essa narração, observando as suas potenciais criticidades em relação às práticas efetivas e aos dispositivos socioculturais que as atravessam. Por meio da lente da Praxeologia Motora, busca-se analisar o rugby enquanto espaço de construção de significados, onde regras formais e códigos simbólicos interagem reciprocamente na definição do que é aceitável, valorizado ou marginalizado no contexto esportivo. Com particular atenção ao contexto italiano, esta leitura explora as raízes da modalidade e o papel desempenhado pelos valores na construção da identidade cultural do movimento do rugby. À luz da ambivalência estrutural do dispositivo esportivo, enfoca-se as implicações pedagógicas e sociais dessas representações, sobretudo em relação às dinâmicas de gênero e aos processos de inclusão/exclusão que se ativam dentro e fora do campo. Trata-se de uma leitura voltada a superar a representação idealizada do rugby como esporte intrinsecamente virtuoso, para reconhecê-lo como prática complexa, atravessada por tensões educativas, culturais e políticas, cujo valor formativo reside justamente na capacidade de confrontar-se criticamente com tais tensões.

Palavras-chave: rugby; valores; inclusão.

Between the Game and Its Narration: A Reflection on Rugby and Its Values in the Italian Context

Abstract

Rugby, traditionally associated with a set of values that highlight its ethical and educational qualities, is often portrayed as the emblem of an inclusive, fair, and community-oriented sport. This contribution seeks to interrogate the narrative in question by examining its potential shortcomings in relation to actual practices and the sociocultural frameworks that shape and sustain them. Through the lens of Motor Praxeology, rugby is analyzed as a space for the construction of meaning, where formal rules and symbolic codes interact in defining what is acceptable, valued, or marginalized within the sporting context. With a particular focus on the Italian context, this interpretation explores the historical roots of the discipline and the role values play in shaping the cultural identity of the rugby movement. In light of the structural ambivalence of sport as a system, attention is drawn to the pedagogical and social implications of such representations—especially regarding gender dynamics and the processes of inclusion and exclusion that occur both on and off the field. This reading aims to move beyond the idealized portrayal of rugby as an inherently virtuous sport, recognizing it instead as a complex practice shaped by educational, cultural, and political tensions—whose formative value lies precisely in the capacity to critically engage with these tensions.

Keywords: rugby; values; inclusion.

Introdução

Um famoso aforismo associado ao rugby, atribuído a um jornalista esportivo italiano, diz: "O poderoso arromba, o pequeno se infiltra, o alto salta, o ágil corre. Em uma equipe de rugby há espaço para todos". Nesta frase celebra-se um dos aspectos mais destacados na narrativa sobre este esporte, na Itália e além. O rugby, de fato, devido a algumas de suas características intrínsecas, permite a formação de uma composição bastante heterogênea de corporalidades, habilidades e competências necessárias para fazer o jogo funcionar, para alcançar o objetivo. Esse aspecto, embora não seja uma peculiaridade exclusiva da bola oval, é frequentemente reivindicado por aqueles que vivem e narram o rugby como um ponto forte de caráter inclusivo, como se quisessem ressaltar que ninguém está excluído da possibilidade de participar do jogo. Um esporte que, portanto, mais do que outros, gosta de se definir e se narrar como sendo 'para todos'.

A própria *World Rugby*, organismo que regula o jogo a nível internacional, ao descrever os valores que caracterizam esta disciplina esportiva, tem o objetivo de permitir que os participantes compreendam imediatamente o caráter do jogo e o que o torna distintivo enquanto esporte praticado por pessoas '*of all shapes and sizes*' (de todas as formas e dimensões). Segundo a organização, a definição do espírito do rugby a nível global é dada pelos seguintes valores: Integridade, tanto do jogo, quanto dos seus praticantes, com ênfase na honestidade e no *fair play*; Paixão, capaz de gerar emoção e um senso de pertencimento; Solidariedade, capaz de criar laços que transcendem as diferenças culturais, geográficas, políticas e religiosas; Disciplina, dentro e fora de campo, por meio do conhecimento e da aplicação das regras; Respeito, por todos os envolvidos no jogo (World Rugby, 2009). Esses pontos de referência, através das Confederações nacionais, são assimilados, adotados e reproduzidos pelas equipes dos principais campeonatos até os pequenos clubes do território, contaminando-se a cada vez com as nuances históricas e culturais de cada realidade esportiva.

Existe o jogo, feito de velocidade, combate, apoio, continuidade. Ele se expressa em campo através de suas componentes, como as fases estáticas de luta, a dinamicidade do jogo aberto e a construção coletiva de cada ação. Um conjunto de elementos que determina o caráter dessa prática esportiva, de marcadores universais que sobreviveram ao tempo e que qualquer pessoa que tenha segurado uma bola oval nas mãos pode reconhecer e identificar. Existe também a narrativa, aquilo que se deseja ver e mostrar sobre o rugby. Um universo de significados e representações que visa construir a imaginação de um esporte virtuoso e, de algum modo, diferente dos outros, que se sustenta em antigas tradições, códigos de comportamento e, por sua vez, valores imprescindíveis.

Uma verdadeira cultura esportiva do rugby, que remete à igualmente romantizada figura do *gentleman amateur* britânico (Baker, 2004), com todas as suas potencialidades e contradições.

Desde a primeira metade do século dezenove, de fato, a cultura esportiva britânica transformou radicalmente as práticas competitivas, institucionalizando e regulamentando esportes como o futebol, o rugby e o críquete, para então exportá-los ao restante da Europa e, posteriormente, ao mundo, através das rotas comerciais do Império (Baker, 2004). A partir de então, tanto o jogo quanto sua narrativa ganharam vida própria, abrindo novos caminhos, ramificando-se e moldando-se em contextos históricos, culturais e políticos diferentes. O que se pode observar hoje no contexto italiano é um forte investimento no chamado sistema de valores aos quais o movimento do rugby faz referência. Um vínculo que, por um lado, destaca um esforço em preservar e exaltar algumas características do jogo que são identificadas como virtuosas, mas, por outro, revela uma discrepância entre a necessidade de produzir "uma imagem que agrada aos meios de comunicação (e na qual se regozija) e uma realidade sem dúvida mais complexa" (De Cilia, 2015, p. 16).

Qual é o impacto dessa discrepância no cotidiano de quem pratica esta disciplina esportiva? E de que forma esses valores são expressos no jogo e transmitidos dentro e fora de campo? As próximas páginas têm como objetivo refletir sobre essa zona cinza da cultura esportiva do rugby na Itália.

Sendo o foco deste trabalho o contexto do rugby italiano, o principal interlocutor das reflexões será o rugby XV, especialmente fazendo referência à categoria masculina, que historicamente e estatisticamente é a mais difundida no território em questão. Embora haja a consciência de que tais observações se desdobrem com diferentes nuances nas múltiplas acepções possíveis desse esporte (começando pela categoria feminina, mas também o *Rugby Old*, o *Rugby Seven*, o *Touch* e *Tag Rugby* ou o *Mixed Ability Rugby*), não se tem aqui a pretensão de esgotar o tema, mas de levantar questões que possam servir de pistas para aprofundamentos futuros.

Dentro e além do dispositivo esportivo

Antes de adentrarmos na análise mais profunda deste tema, é necessário fazer uma premissa. A celebração dos valores que o esporte carrega consigo, a ponto de representar uma verdadeira agência educativa, à semelhança da escola ou da família na sociedade atual (Bounous, 2022), obviamente não constitui uma invenção, nem uma prerrogativa do mundo da bola oval. Ela se insere em um quadro mais amplo de legitimação do esporte dentro da sociedade, em relação a questões-chave como saúde e educação. No entanto, é importante ressaltar que as reflexões a seguir

não têm a intenção de diminuir o fenômeno esportivo como dispositivo (Donato, 2019) capaz de agir sobre a realidade de maneira virtuosa e transformadora em relação a essas questões. Pelo contrário, partindo da consciência dessa potencialidade, pretende-se reconhecer sua complexidade, além das construções retóricas, e seu papel político e cultural.

Para contextualizar e compreender o peso que o esporte exerce na sociedade ocidental, é útil recorrer ao chamado processo de ‘esportivização’ da mesma. Um conceito baseado no reconhecimento dos princípios e valores que associamos ao esporte como parte de um processo cultural que tende a fazer coincidir a prática esportiva com elementos considerados ‘desejáveis’ em nossa sociedade. Como, por exemplo, o cuidado com o corpo, a busca pelo bem-estar, o lazer no tempo livre, “a configuração das relações humanas e do sistema de produção de acordo com modelos de competitividade, busca de resultados e reconhecimento do mérito de cada um segundo o princípio da justiça/equidade” (Isidori, 2017, p. 11).

O esporte moderno nasce e se desenvolve em um contexto histórico-cultural bem específico, ou seja, no da progressiva industrialização da sociedade, “não por acaso, esporte e economia industrial se sustentam reciprocamente e estão totalmente imersos nos mesmos princípios constitutivos, como: competição, desempenho, rendimento, eficácia, técnica, resultado, recorde, e assim por diante” (Bortolotti & Celani, 2023, p. 133-134).

Segundo Donato (2023), o processo de esportivização está diretamente relacionado com o de globalização, do qual a prática esportiva se torna produto e, ao mesmo tempo, produtora. O autor identifica três etapas dentro deste processo nas quais o esporte assumiu e ainda assume hoje um papel estratégico na definição das relações de poder na sociedade:

A primeira onda pode se referir ao processo de 'civilização' ocidental da colonização que se desenvolve em relação ao colonialismo britânico. Na era vitoriana, acreditava-se que o esporte poderia educar para o '*athleticism*', exaltando a aspiração ao aperfeiçoamento, ao sucesso, ao confronto universal; [...] O esporte vitoriano demonstra como o conflito pode ser disciplinado e racionalizado por meio de regras que excluem a violência, definem os papéis e sancionam as diferenças. [...] A segunda onda de esportivização está ligada às dinâmicas de nacionalização entre o século XIX e o início do século XX [...] A necessidade de querer sobressair, mas respeitando as regras e as leis da comunidade, seu papel de apoio para uma política higiênica e a função coesiva em relação às diversidades étnicas, religiosas e sociais, constituem uma contribuição fundamental para a criação de nações modernas. A terceira onda de esportivização é a atual, visível através da globalização do mercado econômico, onde o esporte se torna o meio para veicular 'universalmente' valores como meritocracia e competitividade, mas também para fornecer frequentemente aquela ilusão de mobilidade vertical das oportunidades ilimitadas, fundamento ideológico do *American Dream*, e finalmente para abrir espaços de mercado com megaeventos, estendendo por todo o mundo o 'consumo' de esporte. (Donato, 2023, p. 39-40).

O enraizamento do esporte como instituição social ao longo do século XX inscreve-se, de fato, em um processo mais amplo e complexo de consolidação do modelo capitalista, tanto em termos de organização produtiva — com o esporte enquanto ‘mercadoria’ — quanto em termos de organização social, como instrumento de institucionalização e legitimação de práticas competitivas e meritocráticas, características do modelo neoliberal (Cioni et al., 2023).

O esporte se apresenta como uma verdadeira chave de leitura dos processos de relação do indivíduo com a sociedade e a cultura; por isso, os estudos que se dedicam ao aprofundamento da relação entre o esporte e sua representação são determinantes não apenas na observação do esporte como produto midiático, mas tornam-se cruciais para identificar seus impactos sociais e valorativos (Abbiezzi, 2022, p. 72).

Segundo Isidori (2008), é realmente possível enquadrar o fenômeno esportivo apenas reconhecendo-o como uma criação histórico-cultural que herdamos de um contexto muito específico do passado, mas que ainda hoje constitui parte integrante do nosso presente. Nessa perspectiva, a visão coubertiniana sobre o esporte como um dispositivo neutro de divulgação de valores universais funciona como uma forma de achatamento e enfraquecimento de um fenômeno social complexo, capaz de representar simultaneamente um instrumento de controle, que promove e normaliza desigualdades e marginalizações, e um poderoso instrumento de inclusão, agregação e transformação social. Questionar a ideia de que o esporte possa possuir características arbitrárias e inatas significa, portanto, reconhecer suas práticas como expressões culturais naturalizadas e normalizadas dentro de contextos específicos.

Pode-se considerar, por exemplo, a questão de gênero. por exemplo, na questão de gênero. O esporte representa um produto cultural historicamente construído e desenvolvido em torno do corpo masculino, com o objetivo de preservar e reproduzir uma ideia muito específica de masculinidade e de dominação do masculino sobre o feminino. Além disso, a presença difundida de preconceitos e estereótipos relacionados à etnia e ao gênero — manifestados em formas mais ou menos explícitas de eugenia e normatividade corporal — condiciona a percepção da atividade esportiva e seu reconhecimento social. Trata-se de um modelo refletido na celebração da competição, da seleção e da performance, na recusa ou na incapacidade de aceitar identidades e diversidades corporais não convencionais, bem como na exaltação da agressividade e da força, que frequentemente culmina em violência e discriminações (Isidori, 2008).

O esporte é ‘confeccionado’ e ‘comercializado’ como um espaço social naturalmente ético, que tende, por si só, à meritocracia, ao bem-estar e à inclusão, realizando “uma plena coincidência

entre a finalidade representativa e aquela econômica ligada à distribuição de um produto” (Abbiezzi, 2022, p. 73).

A partir dessa perspectiva, que nos permite observar o dispositivo esportivo para além de sua superfície de neutralidade e universalismo de valores, buscaremos agora explorar algumas peculiaridades que caracterizam o rugby no contexto italiano.

Dentro do espaço entre o jogo e sua narrativa

Cada confederação esportiva nacional, com seu próprio movimento de atletas e apoiadores, constrói uma narrativa específica, fazendo sem dúvida referência às diretrizes internacionais que regulam o jogo em nível global, mas também respondendo a determinados fatores históricos e culturais característicos do desenvolvimento do esporte em seu próprio país. No site oficial da Federação Italiana de Rugby (F.I.R.), podem-se ler algumas palavras-chave que refletem os 'valores culturais e educativos' por meio dos quais se pretende expandir e afirmar a disciplina esportiva no território: Esportividade, definida como o pilar educativo do movimento, com o objetivo de desenvolver lealdade e integridade; Diversão, elemento fundamental ligado à paixão e ao senso de pertencimento a uma comunidade; Apoio, entendido como compromisso coletivo e abnegação do indivíduo em favor da equipe; Coragem, para enfrentar os desafios que o jogo pressupõe; Respeito, pelo adversário e por quem faz respeitar as regras; Tradição, ou seja, a transmissão desses valores “que constituem o patrimônio do rugby e o tornam um esporte universalmente reconhecido como espaço sagrado do fair play dentro e fora do campo”¹.

Já estabelecemos que a relação entre o mundo esportivo e os valores carrega consigo uma complexa rede de implicações sociais e culturais, que vai muito além da esfera de competência de uma única disciplina esportiva. No entanto, é inegável que o rugby italiano tenha identificado na dimensão valorativa (como se pode perceber especialmente a partir da última das palavras-chave) uma prerrogativa fundamental para o crescimento de sua base. Por outro lado, revela-se a vontade de explorar uma narrativa do rugby como uma ilha feliz, que se ergue como representante de um sistema de valores que, nesta ótica, deveria ‘naturalmente’ pertencer a todos os esportes. Podemos observar numerosos exemplos disto nas campanhas de comunicação mediática dos clubes, nas quais a componente dos valores aparece de forma preponderante tanto na promoção de eventos esportivos quanto, sobretudo, na divulgação de atividades dirigidas a menores. Não faltam exemplos também na comunicação pública da própria F.I.R., que, ao descrever os projetos de “Compromisso Social”

¹Site oficial da Federação Italiana de Rugby, A Federação, Quem somos (26/03/2025) <https://federugby/la-federazione/>

nos quais está envolvida, define o rugby como um “portador saudável de valores”¹. Por fim, é evidente nas campanhas publicitárias associadas aos patrocinadores da seleção nacional, das quais emerge uma imagem idealizada do rugby a ser associada às marcas de grandes empresas. O objetivo da Federação e do seu setor de marketing é, de fato, elaborar e transmitir uma imagem positiva do rugby para torcedores, praticantes, empresas e potenciais apoiadores. Representar este esporte como praticado por pessoas fortes, saudáveis e determinadas, que competem com lealdade, respeitando as regras e rejeitando qualquer forma de conduta antiética. As iniciativas de marketing e comunicação implementadas nas últimas décadas contribuíram para delinear o rugby como um esporte espetacular, autêntico e, ao mesmo tempo, elegante, fundamentado em valores profundos como paixão, empenho, respeito, responsabilidade, lealdade, solidariedade, espírito de equipa, sacrifício e coragem (Cavaliere & Mulazzi & Paterni, 2009). Uma operação mediática certamente eficaz na ótica de aproximar curiosos e novos filiados entre as famílias, nas escolas e nos contextos educativos, mas também uma responsabilidade considerável para o movimento, que se vê obrigado a encarnar quotidianamente o modelo virtuoso promovido pelo imaginário público, sem necessariamente dispor dos instrumentos para alcançá-lo.

O historiador do esporte e jornalista Elvis Lucchese abordou diversas vezes essa ambiguidade latente que caracteriza o rugby italiano. Em um artigo de 2013, ele explica:

Na Itália, nosso esporte é percebido pelo grande público como exemplar em termos de espírito e códigos de comportamento. Mas, no mundo, durante muito tempo — especialmente para muitas mulheres e nos círculos mais progressistas da sociedade, tanto na França quanto na Nova Zelândia —, o rugby não tem absolutamente nada de ‘cool’. Ao contrário, é visto, com plena legitimidade, como um microcosmo tacanho de misoginia e homofobia (Lucchese, 2013).

O autor destaca como a atenção voltada para o sistema de valores associado a esse esporte é uma peculiaridade predominantemente italiana, menos sentida e difundida em outros países. Incluindo aqueles, como a Inglaterra e a França, que têm uma história e uma tradição de rugby muito mais longas e enraizadas. Lucchese identifica o aumento dessa estratégia narrativa com tons redundantes com a entrada da Seleção Nacional masculina italiana no Torneio das Seis Nações, em 2000. Evento que trouxe, especialmente após alguns bons resultados alcançados pela equipe nos anos seguintes, uma atenção midiática nunca antes experimentada e deu início a estratégias de marketing por parte da Federação, com o objetivo de valorizar todo o movimento do rugby e de suscitar maior interesse por parte dos meios de comunicação, do público e dos patrocinadores (Pagano, 2010).

É uma narrativa que se auto-alimenta. Quem governa a disciplina, tanto a nível mundial quanto italiano, precisa dessa imagem de esporte limpo e exemplar para vender aos patrocinadores o produto-rugby, hoje mais forte do que nunca. Os patrocinadores realizam campanhas que reforçam essa representação de grande apelo. O público espalha slogans e citações que entram no vocabulário comum (Lucchese, 2013a).

Num estudo que analisa as estratégias de marketing e o crescimento da Seleção Italiana, Callari (2012) destaca que a primeira década do século XXI representou o reconhecimento do rugby não apenas como prática esportiva no território italiano, mas também — e sobretudo — como forma de entretenimento para o grande público. A autora enquadra a atuação da F.I.R. como um exemplo de como o marketing esportivo pode influenciar significativamente a identidade e a reputação de prática esportiva contribuindo de forma decisiva para a sua afirmação.

O principal objetivo da Federação Italiana de Rugby de promover e desenvolver o rugby em todo o território italiano, utilizando a Seleção Italiana e os *Azzurri* como motor para a afirmação de todo o movimento, definiu as bases sobre as quais foi construído o projeto de marketing. Isso resultou num aumento da presença do rugby na televisão, nos jornais esportivos e generalistas, na rádio, na internet e na publicidade exterior, sobretudo no âmbito das atividades de comunicação relacionadas com o Torneio das Seis Nações e os Cariparma Test Match. Os profissionais de marketing da F.I.R. responderam às necessidades e exigências dos consumidores italianos de esporte, oferecendo uma disciplina leal, honesta, respeitadora das regras e guiada por princípios éticos. Os valores do rugby representam o principal ponto forte sobre o qual foram construídas as campanhas de promoção. Desta forma, a F.I.R., além de atrair o interesse do público italiano — saturado com os recentes escândalos de doping e apostas ilegais no futebol — conquistou também a atenção de empresas líderes nos seus respetivos setores, interessadas em valorizar as suas marcas patrocinando a equipa mais representativa do movimento rugbístico italiano: a Seleção Italiana de Rugby de XV. (Callari, 2012, p. 9–10)

Uma narrativa que delineia um verdadeiro ‘código do rugby’, baseado em elementos do jogo, que em si mesmos caracterizam um certo estilo de comportamento que podemos considerar compartilhado — ou, ao menos, compartilhável — entre aqueles que praticam a disciplina. Quem diria que no rugby não são importantes o sacrifício, o apoio dos companheiros, a coragem ou o respeito pelas regras? Ninguém ousaria negar que esses aspectos são centrais em qualquer partida com a bola oval, independentemente de estarmos falando de crianças ou profissionais em campo. O que não está claro, no entanto, é por que não se poderia dizer o mesmo sobre o vôlei, o basquete ou qualquer outro esporte coletivo. Se reconhecermos que tais valores pertencem a um espírito esportivo mais elevado, então qual seria, de fato, o primado do rugby? Existem aspectos do jogo ou de sua expressão sociocultural na sociedade que o tornem, efetivamente, um espaço esportivo que, mais do que outros, favoreça elementos como equidade, inclusão e respeito para além da narrativa?

Para entender melhor como essa posição peculiar se insere no processo de esportivização mencionado anteriormente, produzindo uma verdadeira retórica do esporte puro na própria história da disciplina, é interessante analisar um recente trabalho do historiador Elvis Lucchese. No livro *Pionieri, le origini del rugby in Italia*, o autor analisa a trajetória e o desenvolvimento no país, desde sua chegada no início do século XXI graças às influências francesas, até o pós-Segunda Guerra Mundial. Particularmente, chama a atenção o estreito vínculo entre a difusão inicial do jogo e a ascensão do regime fascista, que, no esporte, identificou desde o início um poderoso meio de propaganda. Excluídas algumas tentativas mal-sucedidas de divulgar a bola oval entre o público italiano entre 1910 e 1912, interrompidas abruptamente pela Primeira Guerra Mundial, de fato a formação de uma primeira confederação organizada ocorreu sob a égide do governo fascista, em 1928. Este último, de fato, acolheu com grande entusiasmo a nova disciplina esportiva, que imediatamente foi identificada como uma ferramenta educacional perfeita para a formação do cidadão-soldado, o 'esporte viril da juventude fascista'² (Lucchese, 2024). A bola oval é incorporada entre as organizações do regime e, antes mesmo de poder expressar um próprio papel a partir dos campos de jogo, recebe de cima uma função: deverá encarnar o modelo de um esporte duro, porém puro, resistente ao profissionalismo e aos excessos antiesportivos que já eram atribuídos, na época, ao jogo muito mais popular do futebol. O rugby foi favorecido como prática útil para formar as futuras gerações, apoiando-se em um imaginário de virilidade, disciplina, coragem e desprezo pelo perigo.

Desde suas origens, portanto, parece que o rugby na Itália teve que responder, antes mesmo à expressão de seu próprio caráter ditado pelo jogo, a construções ideológicas impostas por um contexto sociocultural e político que, ao desenhar seus limites, na verdade o prendeu em sua própria narrativa.

O rugby dos anos '30 se desenvolve, portanto, dentro de um forte quadro de idealização, no entrelaçamento entre as pressões éticas de origem ainda vitoriana e o investimento ideológico no 'esporte de combate' promovido pelas organizações do regime. Mas, apesar do que transparece nos documentos, a realidade dos domingos não parece corresponder a tanta profissão de modelos de cavalaria e fair play, de controle dos impulsos e reverência pelas regras. Talvez sejam as mesmas rugosidades observadas em campo, e muitas vezes também nas arquibancadas, que alimentam, por sua vez, a necessidade de um contínuo apelo ao verdadeiro espírito do jogo" (Lucchese, 2024, p. 124).

É difícil compreender se e como o movimento do rugby na Itália realmente enfrentou as suas origens incômodas, mas é justamente a partir dessas raízes que o jogo se difundiu, se reproduziu e

² Expressão usada por Ettore Rossi, então presidente da F.I.R., em 1934 no Rugby Bulletin, no artigo 'A difusão do Rugby', publicado pela própria federação (Lucchese 2024).

se multiplicou no país. Expressão cultural de um modelo bem definido de corpo, masculinidade e disciplina — funcional à definição dos limites do corpo masculino e feminino, do sistema que regula suas emoções, sentimentos, desejos, fantasias e imaginários, das expressões e representações de suas subjetividades, da cultura do controle, da "supervisão da saúde corporal; da prática da encenação dos atributos da masculinidade hegemônica na performance esportiva" (Cioni et al., 2023, p.10).

A ideia de que o rugby representou um recipiente ideal para esse tipo de visão nos leva a questionar até que ponto é possível se distanciar dela e superar seus resquícios culturais. Ao mesmo tempo, é necessário indagar se, e de que maneira, este esporte pode se tornar um vetor de demandas que não apenas caminham na contramão desse modelo, mas que sejam capazes de colocar em prática ações voltadas à sua desconstrução. Não podemos pretender compreender aquilo que o rugby pode verdadeiramente expressar enquanto modelo esportivo virtuoso apenas a partir da valorização de certas características do jogo, sem antes enfrentarmos as dinâmicas discriminatórias, excludentes e conflituosas que atravessam transversalmente a prática esportiva. Se é verdade que os valores expressos por essa modalidade — e que ela legitimamente se esforça por continuar a expressar — em nome do espírito esportivo são observáveis na maioria das realidades onde é praticada, refletindo aquilo que poderíamos chamar de uma verdadeira cultura do rugby, então também é plausível considerar que os aspectos mais críticos e problemáticos veiculados por essa mesma cultura sejam igualmente compartilhados, característicos e identificáveis dentro do próprio ambiente esportivo. Mesmo que, nesse segundo caso, tendam a permanecer nas sombras ou a serem percebidos como distorções, desvios, uma espécie de efeito colateral indesejado.

Torna-se bastante claro como a cultura do esporte ético caracteriza tudo aquilo que podemos observar no rugby, tanto de fora quanto de dentro, em relação ao campo de jogo. Mas como essa componente valorativa se manifesta quando se cruza com dinâmicas discriminatórias e opressivas, barreiras estruturais ligadas, por exemplo, ao gênero, à classe social, à orientação sexual? Que instrumentos o rugby oferece para lidar com tais barreiras, para além da superfície da narrativa do esporte ‘para todos’? Até o momento, a produção científica que analisa de forma aprofundada a relevância dos processos inclusivos e excludentes no panorama do rugby italiano ainda é limitada, tornando esse campo pouco explorado pela pesquisa acadêmica em diversos aspectos. Entretanto, podemos nos referir a uma literatura internacional mais consistente sobre o tema, da qual é possível extrair interessantes pontos para reflexões posteriores sobre o contexto italiano. Tomemos como exemplo o tema da masculinidade relacionado aos esportes de combate, que desempenha um papel central na retórica que envolve o jogo e sobre o qual diversos autores e autoras têm se debruçado.

Em um estudo realizado em 2005 na Nova Zelândia, Pringle e Markula (2005) buscaram explorar, por meio de numerosas entrevistas com jogadores de rugby de diferentes faixas etárias, a relação entre o rugby e a reprodução de discursos sobre masculinidade, à luz da importância social atribuída a esse esporte. Os autores ressaltam como “o predomínio cultural dos esportes de contato intenso incentiva principalmente os homens a se distanciarem relationalmente das práticas consideradas femininas e a acreditarem nos valores da dureza, da competição, da tolerância à dor e da supremacia física³” (Pringle & Markula, 2005, p. 491). Embora a produção dessas concepções dominantes de masculinidade não seja unívoca no interior desses esportes, sendo sujeita a múltiplas nuances e tensões, pode-se afirmar, sem dúvida, que ela representa um meio contraditório e complexo no processo de construção da masculinidade.

O problema social do rugby, por exemplo, reside principalmente nos discursos que o posicionam [...] como um esporte predominantemente masculino. Esses discursos dominantes ajudam indiretamente o rugby a funcionar como uma tecnologia de dominação que encoraja os homens a seguirem uma série de práticas normativas — práticas que muitos poderiam criticar, mas das quais, no entanto, acham difícil se distanciar publicamente ou resistir a elas⁴. (Pringle & Markula, 2005, p. 491)

Na medida em que o esporte representa um espaço de construção e articulação da identidade de gênero, tais discursos dominantes podem, por sua vez, incidir sobre a forma como determinadas modalidades são praticadas e sobre os valores que transmitem. A prática esportiva contribui para consolidar crenças e construções que evidenciam a diferença entre o que é considerado adequado para o corpo masculino e o que, ao contrário, é reservado ao corpo feminino. Diferenças essas que muitas vezes são interiorizadas e naturalizadas nos ambientes esportivos — e não apenas neles —, sendo atribuídas a meras distinções biológicas entre os sexos. Segundo Bifulco e Tuselli (2017), em esportes que historicamente expressam uma participação predominantemente masculina, como o rugby ou o boxe, o simples fato de terem se aberto à participação feminina gerou um impulso em direção a uma redefinição conflituosa das normas de gênero, em contraste com a imagem de corpo tradicionalmente associada a essas práticas. No entanto, essa “conflituosidade intrínseca pode acarretar contra-respostas de tipo resistente: por exemplo, o estigma e o preconceito [...] ou ainda o não reconhecimento das habilidades esportivas das atletas, que serão sempre consideradas inferiores quando comparadas às potenciais performances masculinas” (Bifulco & Tuselli, 2017, p. 266). Além disso, cabe questionar se a crescente participação feminina possa representar uma possibilidade efetiva de desconstrução das dinâmicas excludentes e discriminatórias relacionadas a

³ Tradução do autor.

⁴ Tradução do autor.

um certo modelo de masculinidade no rugby, ou se há o risco de que essas dinâmicas sejam reproduzidas e normalizadas, tanto pelos jogadores quanto pelas jogadoras, caso não haja uma intervenção crítica e consciente para reverter essa tendência.

Em uma pesquisa mais recente, Pringle e Denison (2025) observaram como a evolução da expressão da masculinidade no mundo do rugby anglo-saxão influenciou as discriminações contra pessoas LGBTQ+, revisitando estudos que analisaram esse tema nas décadas anteriores. Apesar de episódios de discriminação homofóbica ainda serem amplamente disseminados em diversos contextos esportivos, os autores identificam sinais de uma crescente aceitação da homossexualidade por parte dos jogadores e treinadores de rugby em comparação com investigações anteriores. No entanto, eles destacam a coexistência de discursos contraditórios em relação à homossexualidade. Por um lado, há uma consciência generalizada de que atitudes abertamente homofóbicas não são mais socialmente aceitas; por outro, é possível constatar a persistente necessidade de se distanciar da homossexualidade para não ser identificado como homossexual. A aparente maior abertura em relação às diversidades sexuais não corresponde necessariamente, segundo os autores, ao desaparecimento da homonegatividade, nem das formas de exclusão ou violência (Pringle & Denison, 2025). Esse fenômeno revela a permanência arraigada de uma percepção estigmatizada e marginalizada da homossexualidade dentro do contexto do rugby, que dificilmente transparece na narrativa pública que caracteriza esse esporte.

O rugby durante grande parte de sua história veiculou, portanto, condutas que contribuíram para a edificação de um modelo hegemônico de masculinidade, ao mesmo tempo em que sancionou e isolou comportamentos que dele se afastam. Práticas que se consolidaram não apenas no campo, por meio da ênfase na força, na resistência e no desprezo pela dor, mas também em espaços periféricos, como, por exemplo, nos rituais de iniciação de novos jogadores, nos vestiários ou no ainda mais icônico terceiro tempo. Se, dentro de campo, vigora o código do 'jogador cavalheiro', que impõe respeito ao árbitro e aos adversários e o fim de toda hostilidade com o apito final, esses espaços informais podem representar — e de fato representaram por muito tempo — lugares onde estereótipos e condutas de gênero, ligados a uma determinada visão do corpo masculino, são reproduzidos e reforçados (Dunning, 1985; Young, 1988; Schacht, 1996; Rial, 2000; Muir & Seitz, 2004; Giazitzoglu, 2020; Silva & Almeida, 2020).

Poderíamos identificar muitos outros fatores capazes de evidenciar tanto as criticidades quanto os potenciais desse esporte enquanto dispositivo cultural e educativo, os quais mereceriam uma análise muito mais aprofundada do que aquela que este breve trabalho pode oferecer. Pensemos, por exemplo, na crescente participação feminina, no surgimento de equipes abertamente

inclusivas em relação à comunidade LGBTQ+ (Gaston & Dixon, 2020; Muir, Anderson & Parry, 2021), nas diferenças entre rugby amador e profissional; nas implicações advindas da história colonial (Spracklen, 1996; Ryner, 2018); na abertura ao esporte inclusivo com o Rugby Mixed Ability (Corazza & Dyner, 2017; Damiani et al., 2018); ao papel da formação oferecida a treinadores e treinadoras e aos diferentes estilos de ensino (Sferragatta, 2013; Casajus, 2019; Casajus, 2021); até chegar à influência das redes sociais na narrativa e na representação desse esporte em todos os níveis — tanto por parte dos clubes quanto dos próprios jogadores e jogadoras (Scott, 2015; Bowes & Culvin, 2024; Marthinus, 2025). O objetivo destas páginas, como mencionado anteriormente, é justamente o de evidenciar certas criticidades que possam servir como pontos de partida para análises e investigações futuras.

Rugby: o esporte para todos. Mas todos quem?

Para preservar a imagem pública de ‘esporte positivo’ que o rugby italiano construiu com esforço nas últimas décadas, tanto o jogo quanto seus protagonistas são frequentemente chamados a seguir um modelo comportamental e cultural considerado exemplar. No entanto, esse processo pode alimentar uma tensão entre a imagem simbólica do rugby e as condições reais em que ele é praticado, especialmente em contextos territoriais marcados por complexidades sociais e culturais. A adoção acrítica de um imaginário idealizado, herdado dos níveis mais altos do esporte profissional, pode ser difícil de traduzir em práticas concretas quando se trata de enfrentar questões educacionais, relacionais ou comunitárias enraizadas nos territórios. Nesse sentido, seria necessária uma reflexão situada que observasse tanto os níveis mais elevados quanto a base do movimento rugbístico, sem se limitar a perseguir um modelo mediaticamente desejável e compartilhado, mas investigando quais escolhas valorativas o rugby é capaz de gerar e sustentar na prática. Se o objetivo é construir uma coerência efetiva entre os valores declarados e as formas reais de transmissão e encarnação do jogo, ao invés de projetar o jogo em uma representação ideal, seria oportuno valorizar os processos pelos quais esses valores podem ser traduzidos, vividos e alimentados a partir das experiências cotidianas e das práticas das comunidades. Com esse propósito, nesta última parte, buscar-se-á explorar a valência sociorelacional do rugby. Um exercício teórico destinado a imaginar conexões concretas entre a prática e sua narrativa, a partir dos elementos do jogo que determinam e alimentam a paixão e o apego por esse esporte por parte de quem o pratica em todas as partes do mundo.

Abrimos este texto com uma citação que descreve o rugby como um “esporte para todos”. Uma imagem que pretende evidenciar o quanto essa modalidade seja versátil, não apenas por permitir a convivência de diferentes tipos físicos dentro de uma equipe, mas também por favorecer a coesão, o senso de comunidade e a construção de vínculos em diversos contextos. Exemplos disso são os múltiplos projetos que, atuando de forma transformadora dentro de seus respectivos contextos, utilizam essa prática esportiva em espaços de marginalização e vulnerabilidade social, no âmbito do esporte para pessoas com deficiência, em contextos educativos e recreativos que envolvem sujeitos de diferentes idades, gêneros e origens, tanto na Itália quanto no mundo (De Cilia, 2015; Canapini, 2019). O tema da inclusão é, sem dúvida, um tópico complexo e repleto de nuances, que mereceria um aprofundamento muito mais rigoroso, sobretudo no contexto esportivo. No entanto, aqui a consideraremos como a capacidade de um determinado ambiente de se tornar permeável e acessível a diferentes subjetividades, sem negar suas diferenças, mas adaptando-se a elas de modo a remover os obstáculos que impedem sua participação ativa. Se, portanto, representar o esporte como inclusivo parece ser uma escolha valorativa do movimento do rugby italiano, é necessário perguntar: Quais elementos do jogo podem funcionar como ferramentas de inclusão? E quais aspectos, ao contrário, representam obstáculos, potenciais formas de exclusão ou discriminação? Em quais contextos e para quais subjetividades? Como podemos intervir sobre o jogo e sobre o contexto sociocultural para reduzir ou eliminar essas barreiras?

Com vistas a investigar tais questionamentos, mostra-se relevante recorrer a dois dispositivos teóricos pertencentes à Praxeologia Motora, conforme formulada por Pierre Parlebas (1999): a 'lógica interna' e a 'lógica externa' das atividades motoras. Elementos destinados a organizar e definir a relação entre as características formais e reproduzíveis de uma atividade lúdica — a lógica interna — e aquelas ligadas às experiências subjetivas, às percepções e às construções socioculturais — a lógica externa. A primeira é representada pelos chamados 'universais lúdicos' (Staccioli, 2002), ou seja, os elementos presentes nas práticas lúdicas que definem todos os seus aspectos: espaços, tempos, objetos, relações, papéis e pontuações. No caso do rugby, por exemplo, as dimensões do campo, a forma peculiar da bola e suas formas de uso, a variedade de posições e as possíveis combinações de pontuação por meio de tries e chutes. A segunda é determinada por características pessoais, valores socioculturais, vivências e experiências subjetivas. Dentro dessa última categoria, incluem-se, por exemplo, a cultura do fair play, a ênfase no respeito às regras e ao adversário, mas também a retórica da resistência à dor ou do sacrifício individual em prol da equipe, que caracterizam o imaginário da bola oval. O enfoque da Praxeologia Motora tem justamente como objetivo fazer emergir os valores sociais subjacentes às chamadas 'condutas motoras', “as

quais devem ser entendidas como expressões globais das subjetividades em ação" (Bortolotti, 2024, p. 128). De fato, as atividades esportivas são capazes de gerar hábitos e comportamentos significativos no plano educativo, envolvendo as pessoas em contextos concretos, mas também transmitindo valores culturais e simbólicos reconhecíveis. Uma dimensão que podemos definir como de 'sócio-motricidade', ou seja, um campo no qual normas não escritas estruturam a ação motora, favorecendo tanto as relações sociais quanto o crescimento individual (Bortolotti, 2024).

Essa abordagem revela-se particularmente útil para investigar a relação entre jogo e narrativa, pois permite observar a lógica interna e externa como elementos vivos, que interagem de forma interdependente e recíproca. A estrutura dos universais lúdicos, composta por papéis, regras e elementos reprodutíveis, representa o campo de ação em que determinada prática esportiva se desenvolve. No caso do rugby, por exemplo, trata-se de uma prática caracterizada por 'duelos simétricos', ou seja, com o mesmo número de jogadores por equipe, que exercem a mesma função, com fases de jogo simultâneas e tempos fixos, um 'ambiente previsível', portanto, no qual se manifesta uma sócio-motricidade mista, tanto de oposição quanto de cooperação (Parlebas, 1999). As condições sociais e as escolhas valorativas, por outro lado, constituem o contexto sociocultural no qual esse campo de ação está inserido, delimitando suas normas, relações de poder e representações. A moldura dentro da qual se configuram os critérios pelos quais determinados corpos e subjetividades são mais ou menos legitimados dentro de um campo de rugby, bem como os códigos de conduta que regulam sua performatividade. As constantes do jogo (lógica interna) também influenciam o plano sociocultural e o imaginário a ele relacionado, por meio de elementos estruturais como, por exemplo, a divisão por gênero na prática, o componente do contato físico mediado por fases estáticas e dinâmicas de luta pela posse da bola, ou o caráter *outdoor* do jogo, que permite sua realização mesmo sob condições climáticas adversas. Inversamente, a lógica externa atua diretamente sobre o jogo, como na dimensão pessoal de quem — e por que (mas também quando, entendido tanto como momento da vida quanto como período histórico) — participa de uma determinada disciplina. Quem se aproxima do rugby na Itália? Como gênero, origem geográfica, classe social e idade se entrelaçam com a composição do movimento do rugby? Da mesma forma, atua também na dimensão cultural, moldando as condutas motoras com base em determinadas escolhas de valor. Pode-se pensar, por exemplo, que em uma partida de rugby comportamentos como dirigir-se ao árbitro — não apenas para contestar uma decisão, mas mesmo para pedir explicações — são passíveis de punição se não se ocupa o papel de capitão da equipe, sendo considerados infrações sérias. Assim como o são comemorações excessivas que desrespeitem o adversário, perturbar a execução de um chute de conversão, ou a própria existência do terceiro

tempo como fase estruturada e institucionalizada de cada encontro. Elementos pertencentes ao panorama sociocultural que envolve esse esporte e que, embora não acrescentem nada de técnico à prática da disciplina, repercutem diretamente sobre o andamento do jogo e seu regulamento.

Por meio dessa chave de leitura, torna-se possível superar a simplificação abstrata e romantizada do esporte virtuoso por definição, observando os instrumentos que a prática oferece, situando-os dentro de seu contexto sociocultural e reconhecendo tanto seus recursos quanto suas vulnerabilidades no plano da inclusão. As dinâmicas do jogo, as formas pelas quais são transmitidas e as escolhas valorativas operam de maneira interconectada segundo um princípio recursivo, pelo qual cada indivíduo é, ao mesmo tempo, produto do contexto que ele próprio contribui para produzir (Morin, 2000). Por esse motivo, poderia ser pouco eficaz intervir apenas em um desses planos — modificando as regras ou enfatizando a centralidade de um modelo valorativo idealizado — sem levar em consideração o tipo de relação que os conecta e as implicações sociais, políticas e culturais que os determinam.

O elemento da coletividade, expresso na construção cooperativa de ações de jogo tanto opositoras quanto cooperativas, está entre os mais característicos e interessantes do rugby. O conceito de apoio, aliado ao desafio individual do tackle e da corrida em direção ao try, pressupõe uma série de características não apenas técnicas, mas também de ordem relacional e de personalidade, que devem ser desenvolvidas por quem pratica o esporte — tornando o rugby um terreno particularmente fértil para se trabalhar o contato com o outro. Esse outro pode ser o adversário, o companheiro de equipe, o campo de jogo ou a própria bola. O tema do respeito também permeia significativamente o mundo da bola oval, conferindo uma importância não apenas retórica, mas estrutural à centralidade do jogo e de seu regulamento, com a finalidade de restringir a competitividade ao interior dos 80 minutos de ação e conter os desvios comportamentais de cunho agonístico que daí possam advir. A dimensão de contato físico e de combate que caracteriza o rugby pode assumir a forma de um instrumento eficaz para desenvolver, por meio da aprendizagem e da execução da técnica esportiva correta aplicada à situação de jogo, temáticas relacionadas à consciência e ao controle do próprio corpo e da própria força (Becas, Luksenberg & Denis, 2013; Shand, Dohme & Mellalieu, 2022). Por outro lado, pode assumir a forma da exaltação da violência, da tolerância à dor a qualquer custo, da busca pela brutalidade e pela dominação física do adversário. A forte dimensão grupal, pela qual o rugby se diferencia da maioria dos esportes coletivos, pode ser uma extraordinária escola de socialização, de resolução de conflitos e de convivência solidária. Ao mesmo tempo, o espírito de corpo e o senso de pertencimento a um grupo

podem transformar-se em lugares ideais para a interiorização e reprodução de dinâmicas tóxicas e discriminatórias, bem como da normalização da violência justificada como 'brincadeira' ou 'espírito de equipe'.

Um conjunto de elementos decididamente complexo que reflete grandes potencialidades quando esses elementos são reconhecidos e direcionados de forma consciente para objetivos e projetos de caráter inclusivo, mas também uma série de criticidades que podem abrir espaço para mecanismos fortemente excludentes, quando percebidos como implicitamente virtuosos e universalmente válidos para qualquer contexto e sujeito. Nessa perspectiva, a construção de um diálogo coerente entre as escolhas valorativas do rugby e as formas concretas de sua transmissão só pode passar por uma atenção sistemática aos espaços e às práticas em que tais valores podem ser traduzidos, praticados e tornados significativos.

Considerações finais

Refletir sobre o rugby como um esporte de valor inclusivo e não simplesmente como um esporte 'dos valores', impõe uma revisão crítica das narrativas tradicionais que frequentemente acompanham essa prática. Não se trata, portanto, de aderir passivamente a um sistema de princípios preestabelecidos, mas sim de reconhecer no esporte — neste caso, no rugby — um instrumento social e cultural complexo, dotado de forte carga simbólica e potencial transformador. Nesse sentido, promover um rugby consciente significa desconstruir a imagem estereotipada do esporte duro e puro, para dar lugar a uma subjetividade esportiva plural, enraizada nas nuances das pequenas realidades e nos contextos locais, construída por meio de práticas cotidianas. O esporte — e o chamado espírito esportivo — não podem ser assumidos como garantias de eticidade ou de autenticidade de um determinado contexto. Especialmente quando este se revela extremamente diverso e heterogêneo em seu interior. Ao contrário, devem ser entendidos como terrenos de trabalho, espaços conflituosos e formativos nos quais seja possível re-negociar continuamente significados, identidades e relações de poder. Somente sob essa perspectiva é possível superar a ilusão de que a simples forma oval da bola ou o mito das nobres tradições possam, por si sós, determinar a qualidade cultural ou social desta disciplina esportiva. É por meio de uma prática consciente e situada que o rugby pode concretamente se afirmar como um instrumento inclusivo significativo, contribuindo para o desenvolvimento de subjetividades e coletividades capazes de interagir com a complexidade que as rodeia.

Referências

- Abbiezzi, P. (2022). Come raccontare lo sport? In L. Grion (a cura di), *Il senso dello sport. Valori, agonismo, inclusione* (pp. xx–xx). Milano - Udine: Mimesis.
- Baker, N. (2004). Whose hegemony? The origins of the amateur ethos in nineteenth century English society. *Sport in History*, 24(1), 1–16. <https://doi.org/10.1080/17460260409414732>
- Becas, D., Luksenberg, M., & Denis, S. (2013). Le rugby, une école du toucher [Developing touch through rugby]. *Soins. Psychiatrie*, (285), 27–30.
- Bifulco, L., & Tuselli, A. (2017). Corpi sportivi e identità di genere. Il Crossfit. *xx*, 254–282. <https://doi.org/10.6092/1827-9198/5389>
- Bortolotti, A., & Celani, A. (2024). Analisi di Habitus sportivi attraverso lo sguardo della prasseologia motoria. In A. Donato, E. Galak & A. Bortolotti (a cura di), *Pedagogia del Corpo*. Roma: Quapeg Edizioni.
- Bounous, M. (2022). Sport e inclusione. Dal gioco al confronto con la realtà. In L. Grion (a cura di), *Il senso dello sport. Valori, agonismo, inclusione*. Milano - Udine: Mimesis.
- Bowes, A., & Culvin, A. (2024). Social media and online activism in women's rugby: From #IAmEnough to #ICare. In *Routledge Handbook of Sport, Leisure, and Social Justice* (pp. 459–470). Routledge.
- Brohm, J.-M. (2006). *La tyrannie sportive*. Paris: Beauchesne.
- Callari, S. (2012). *Il marketing della F.I.R. che ha contribuito alla crescita della Nazionale Italiana di Rugby* [Tesi di laurea magistrale, Università Ca' Foscari Venezia]. <https://hdl.handle.net/20.500.14247/1013>
- Canapini, M. (2019). *L'ovale storto. Ritratto poetico del rugby inclusivo*. Aras Edizioni.
- Casajús, J. (2019). ¿Cómo aprenden los entrenadores a enseñar rugby?: El caso de los entrenadores de rugby de M14 en los clubes del Gran La Plata (Tesis de posgrado). Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. En Memoria Académica.
- Casajús, J., & Berdula, L. (2021). La enseñanza sexista de los deportes rugby y fútbol. *Educación Física y Ciencia*, 23(2), e170. <https://doi.org/10.24215/23142561e170>
- Cavaliere, C., Mulazzi, P., & Paterni, R. (2009). *Rugby. Dal campo all'azienda: Oltre il semplice far squadra*. Guerini e Associati.
- Cioni, L., Isidori, E., Magnanini, A., & Maulini, C. (2023). Il corpo sportivo come contenuto critico-riflessivo per la formazione degli insegnanti di educazione fisica. *15*, 102–117. <https://doi.org/10.15160/2038-1034/2762>
- Corazza, M., & Dyer, J. C. (2017). A new model for inclusive sports? An evaluation of participants' experiences of mixed ability rugby. *Social Inclusion*, 5(2), 130–140.
- Damiani, P., Colzani, E., & Paloma, F. G. (2018). Rugby Mixed Ability e Inclusione. Un'analisi di caso tra Sport, Pedagogia e Neuroscienze. *Formazione & Insegnamento*, 16(1 Suppl.), 195–204.
- De Cilia, N. (2015). *Pedagogia della palla ovale. Un viaggio nell'Italia del rugby*. Edizioni dell'Asino.

- Donato, A. (2019). Corpo, sapere e potere. Un'introduzione. In A. Donato, L. Tonelli & E. Galak (a cura di), *Le pieghe del corpo* (pp. 73–100). Milano - Udine: Mimesis.
- Donato, A. (2023). *Il corpo tra natura e cultura. La sfida ecosofica della pedagogia.* Milano: Franco Angeli.
- Dunning, E. (1985). As ligações sociais e a violência no esporte. In N. Elias & E. Dunning, *A busca da excitação* (pp. 327–354). Lisboa: Difel.
- Gaston, L., & Dixon, L. (2020). A want or a need? Exploring the role of grassroots gay rugby teams in the context of inclusive masculinity. *Journal of Gender Studies*, 29(5), 508–520. <https://doi.org/10.1080/09589236.2018.1525527>
- Giazitzoglu, A. (2020). This sporting life: The intersection of hegemonic masculinities, space and emotions among rugby players. *Gender, Work & Organization*, 27(1), 67–81. <https://doi.org/10.1111/gwao.12440>
- Isidori, E., & Fraile Aranda, A. (2008). *Educazione, sport e valori. Un approccio pedagogico critico riflessivo.* Roma: Aracne Editrice.
- Isidori, E. (2017). *Pedagogia e sport.* Milano: FrancoAngeli.
- Isidori, E., Magnanini, A., Merced Len, S., & Sánchez-Pato, A. (2024). Corpo e sport tra McDonalizzazione e pedagogia critica. In A. Donato, E. Galak, A. Bortolotti & S. Merced Len (a cura di), *Pedagogie del corpo.* Quapeg Edizioni. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10718709>
- Lucchese, E. (2013) Da Cécillon a Lima, la violenza sulla donne e il male oscuro del rugby. Rugby People. Lo sport più bello del mondo e la sua gente. <https://rugbypeopledotorg.wordpress.com/2013/12/21/da-cecillon-a-lima-la-violenza-sulla-donne-e-il-male-oscuro-del-rugby-1-continua/>
- Lucchese, E. (2013a) Pericolosamente in bilico tra etica e retorica: il caso del rugby italiano degli anni Duemila. Riflessioni e spunti dall'Overtime Festival. Rugby People. Lo sport più bello del mondo e la sua gente. <https://rugbypeopledotorg.wordpress.com/2013/10/18/pericolosamente-in-bilico-tra-etica-e-retorica-il-caso-del-rugby-italiano-degli-anni-duemila-riflessioni-e-spunti-dallovertime-festival/>
- Lucchese, E. (2024). *Pionieri. Le origini del rugby in Italia. 1910–1945.* Silea: Piazza Editore.
- Marthinus, J., Duffett, R. G., & Knott, B. (2025). Social media marketing in nonprofessional rugby clubs: A qualitative viewpoint using the technology acceptance model. *BP International.*
- Morin, E. (2000). *La testa ben fatta. Riforma dell'insegnamento e riforma del pensiero.* Minima / Cortina: Raffaello Cortina Editore.
- Muir, K., Anderson, A., Parry, K., et al. (2021). The changing nature of gay rugby clubs in the United Kingdom. *Sociology of Sport Journal*, 39(2), 178–185. <https://doi.org/10.1123/ssj.2020-0064>
- Muir, K. B., & Seitz, T. (2004). Machismo, misogyny, and homophobia in a male athletic subculture: A participant-observation study of deviant rituals in collegiate rugby. *Deviant Behavior*, 25(4), 303–327. <https://doi.org/10.1080/01639620490448821>
- Pagano, A. (2010). *Il marketing ovale.* Lupetti – Editori di Comunicazione.
- Parlebas, P. (1999). *Jeux, sports et sociétés. Lexique de praxéologie motrice.* Paris: INSEP.

- Pringle, R., & Denison, E. (2025). “The times they are a changing”: Negotiating diverse sexualities and masculinities in male rugby union. *International Review for the Sociology of Sport, Advance online publication*. <https://doi.org/10.1177/10126902241311272>
- Pringle, R., & Markula, P. (2005). No Pain is Sane After All: A Foucauldian Analysis of Masculinities and Men's Experiences in Rugby. *Sociology of Sport Journal*, 22, 472–497.
- Rial, C. S. (2000). Rugby e judô: esporte e masculinidade. In J. M. Pedro & M. P. Grossi (Orgs.), *Masculino, feminino, plural* (pp. 229–258). Florianópolis: Mulheres.
- Ryner, M. (2018). *Rugby Union and professionalisation: Elite player perspectives*. London: Routledge.
- Sferragatta, F. (2013). *Le mete dell'allenatore. Prospettive di psicologia dello sport per l'allenatore di rugby*. FrancoAngeli.
- Schacht, S. P. (1996). Misogyny on and off the “pitch”: The gendered world of male rugby players. *Gender & Society*, 10(5), 550–565. <https://doi.org/10.1177/089124396010005004>
- Shand, R. A., Dohme, L.-C., & Mellalieu, S. D. (2022). *The psychosocial development of youth rugby players*. In C. Collins (Ed.), *The young rugby player* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003104797-9>
- Silva, F. I. C. da, & Almeida, D. M. F. de. (2020). Masculinidades no esporte: O caso do rugby. *Movimento*, 26, e26041. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.94214>
- Scott, O., Pegoraro, A., Beaton, A., Watkins, J., Bruffy, K., & Naylor, M. (2015). Social Media Strategies: Engaging with rugby union consumers. xx.
- Spracklen, K. (1996). *Playing the Ball: Constructing Community and Masculine Identity in Rugby* (Doctoral thesis). Leeds Metropolitan University.
- Staccioli, G. (2002). *Il gioco e il giocare. Elementi di didattica ludica*. Roma: Carocci.
- World Rugby. (2009). *Our Values*. <https://www.world.rugby/organisation/about-us/values>.
- Young, K. (1988). Performance, control, and public image of behavior in a deviant subculture: The case of rugby. *Deviant Behavior*, 9(3), 275–293. <https://doi.org/10.1080/01639625.1988.9967861>